

Em seguida estabelecer-se, como farmacêutico, em Sarzola, povoação do concelho d'Aviro, onde também era o cargo de professor primário. Não se sentindo bem n'este meio, acahnado de mais para desenvolver a sua inteligência, foi nomeado inspetor escolar do círculo d'Oliveira d'Azeimes, lugar que alcançaria depois d'um distinto exame de habilitação.

Foi n'este cargo que a morte o surpreendeu. Dotado d'uma palavra fácil, eloquente e incisiva e d'uma exposição metódica e clara, desempenhava-se por tal forma das obrigações do seu cargo que conseguira ser amado pelos professores do seu círculo, tendo em cada um d'eles um amigo dedicado; alguns, sabemos nós, invocabam o seu nome com uma verdadeira adoração e tinham por ele grande fanatismo.

José Vidal—para que occulto—era um santo; morria sem remorsos e esquecia aspirações; olhava para o seu passado e via-o puro e digno; sentia-se na posse da vida futura pelo presente, porque tinha vivido conforme à lei moral.

Apesar da morte, nós e ele vivemos juntos; e esta ideia é um balsamo de consolação. O homem precisa de individualizar os seus sentimentos e fazer do seu coração um templo, e José Vidal foi para mim o ídolo da amizade. E esse lugar persiste ocupado, a nossa união intima continua ainda, revive na minha saudade, na memória do nosso afeto e no legado santo dos sentimentos e ideias.

Ovar, 24 de Agosto de 1920.

José D. P. do Amaral.

Curvemo-nos!

Aos rapazes da minha terra

O peso de uma dor opri-me-nos a alma; curvemo-nos!

Oito dias já lá vão sobre a morte de José Vidal!

Eu creio nas orações que de olhos rasos de água se balbuciam; creio nas mãos erguidas numa prece fervorosa. E neste instante em que uma Espôsa amantíssima e dois filhos estremecidos—duas crianças que, como eu fui, tão cedo só arremessadas por uma rajada de vento letal para o desamparo da orfandade—neste instante em que essa Espôsa e essas crianças uma vez mais órvalham com lágrimas a memória do marido e do pai, e, de mãos postas, para ele imploram a protecção divina, elevemos o nosso espírito às alturas, ergamos as nossas almas à eminência d'uma prece, e de almas enlutadas pela religiosidade d'uma mesma emoção, cobramos-nos uma vez com as pétulas róxas da nossa saudade e

memória daquela que foi o tigo quanto sou credor à memória do homem que nas excelências e nos desfalcos da sua compleição jâmaia a prudência e a razão alheia a ingiam a sempre alta cravera da sua honra.

Todos nós temos um coração para amar e uma alma para sofrer! Oh! mas poucos como José Vidal souberam engrandecer esse amor e suportar com resignação o sofrimento.

Nesta via dolorosa por que seguimos, na estrada larga onde tantos vão marcando a sua passagem no longo e poeirento caminho percorrido, a alma de José Vidal projecta um clarão de bondade e de honradez que iluminando o passado nos faz confiar no futuro.

Prosigamos, pois, de olhos fitos nesse clarão, que sobre nós cai como luz do sol num milagre de luz, e estejamos certos de que é a norma da honra a que nos guia.

Encerrado na urna fúnebre, o seu corpo inâmido repousa, livre enfim do sofrimento, no silêncio lugubre e gélido do covil, apenas cortado pelo adejar saudoso do pensamento daqueles que com mágoa o veem partir para sempre.

Ali, onde não chega o vento das paixões que cá fôra écôa lugubriamente arrastando os homens num torvelinho de insanía, a dentro daquelas muros, de encontro aos quais se despedaça e se destaz a fúria das vagas do mar irado dos ódios e malquerenças que cá fôra brame erguendo alto a juba desgrenhada das suas ondas, ali, tudo se confunde, tudo se consubstancia no respeito, na dor, na saudade infinita por aqueles que nos deixam para sempre e a quem amámos e respeitámos.

Enviemos até lá, uma vez ainda, o nosso pensamento! Curvemo-nos reverentes, uma vez mais, ante a sua memória abençoada e saudosa!

Curvemo-nos!
Afonso Abragão.

José Vidal

O nome do homem que se lê no topo deste escripto, e que a morte arrancou há dias à sua família, por quem foi um amoroso, desobrigado de tudo que é uso e costume dizer-se daqueles que nesta vida marcam exemplarmente a sua individualidade, concorrendo para que a sociedade seja uma causa mais digna, mais austera, mais inimitável e sagrada.

A biografia dos homens como José Vidal, para valer quer-se escripta antes por aqueles que estão na opinião pública do que por aqueles que, como eu, estão duas vezes na amizade pessoal.

Menos ainda me proponho vir a público bosquejar reminiscências duma amizade para que o povo desta terra reconheça quanto este meu perdido amigo revive e resurge na minha consciencia. Não, estas linhas que me saem da alma retrans da de saudades, são o testemunho duma gratidão imorredoura, que não sei calar no coração extremamente grato àquele a quem devi amizade, favores e delicadezas, como e foram de irmão para irmão. Apraz-me, agora, na tranquilidade do meu espírito, possuir-me de coragem somenos de firmar neste er-

tigo quanto sou credor à memória do homem que nas excelências e nos desfalcos da sua compleição jâmaia a prudência e a razão alheia a ingiam a sempre alta cravera da sua honra.

Assim, é vê-lo no denodo da sua amizade e na coragem das suas opiniões por mim, quando alguma intrigada pretenda menoscabar-me, ainda mesmo quando a nossa grande afectuosidade pareça esmorecida por passíveis re-sentimentos certamente por mim provocados! Era vê-lo, através dessas vicissitudes, em repergos altivos e ruídosos, quanto ele erguia bem alto a robustez da dignidade dumha família, sopesando na sua lembrança tudo o que ele supunha te-lo desmerecido, para que o meu nome e o que a mim devo não sofresse.

Que de cuidados não dispenderia este meu desafortunado amigo para que a minha vida de estudante não ficasse a meio do seu termo! Se não fossem os seus ajuizados conselhos, filhos da dura experiência, e a vigilância carinhosa que sobre mim exerceu, dou pelo certo que o reviramento da minha índole folgazã não se tinha dado, e quem sabe se não me teria perdido pelas vidas daquela Lisboa de escuridão e estouvanice esfalfando inutilmente uma moeidade.

Foi ele, que me trouxe entanto da minha terra para fôra para mais de perto seguir o meu aproveitamento lyceal, e só eu sei o enterneçido desvanecimento que lhe trasbordava da alma quando o seu desideratum se efectivou. Quando me viu entrar na Escola Médica de Lisboa, fez-me a justiça de acreditar que as verduras da mocidade não mais desassoeegariam o seu espírito delicado, na intuspecção de que chegaria ao meu curso sem a necessidade da sua interrupção.

E assim sucedeu. Para que recordar mais, se tanto me custa resistir à profunda tristeza de o fazer? Permita-me que eu transcreva para aqui o que um vareiro, ilustre pelo carácter e pela inteligência, me escreveu sobre o transe porque passei... perdeu um verdadeiro amigo, destes que se nos dedicam de forma tal que chegam a pospor as conveniências dumas relações bajuleanas ao nosso bem real. Ele zelava-o a si como quem presa é vela pelo bom nome e bem-estar dum filho; e esta certeza que agora mais que nunca deve ter saltado a seus olhos, ha-de ter aberto uma ferida bem funda no seu coração todo sensível e justiciero. Nessa dor é que desejo me veja comparticipar...

E isto mesmo. Nem mais nem menos. Por isso, dobrar-se-hão os anos, e as recordações dolorosas pela morte do meu perdido amigo sentir-se-hão no meu coração, por não ter lugar de maior honra que dê à amizade que lhe devi. Trazendo a público a gratidão que devo a este morto, eu pranteio-o como mais me consola, certo de que a opinião publica me relevará se eu infringir as suas imaculadas aras, e só desejo que a posteridade comprehenda nas dôres daqueles que o amaram, quanto José Vidal foi honrado e querido.

Agosto, 26 de 1920.

Nunes da Silva.

NOTAS

O seu funeral que se realizou às 7h30 da tarde de 20 foi bastante concorrido por grande número de pessoas tanto desta vila como de fôra que assim mostraram a sua dedicação pela memória do que em vida, sendo dos maiores amigos da sua terra, foi um grande e dedicado amigo de todos.

O cadáver fôra trasladado na noite anterior do Furadouro para a sua casa na rua Alexandre Herculano, desta vila, sendo acompanhado por pessoas de família e pelo sacerdote Padre Soares.

Encerrado numa ri- quissima urna, homenagem de sua desolada Espôsa, foi o cadáver transportado na carreta dos Bombeiros Voluntários e ladrado por bastantes membros desta corporação até à Igreja onde teve responsáveis, segundo dali para o cemiterio.

As fitas da urna pegaram por turnos os srs. António Araújo Pinto, Oliveira Lopes, dr. Tavares e António de Oliveira; professores Moreira, Soares, Justino Viana, e Joaquim Silva; professores Eduardo Chaves, Cândido Jarás, D. Aurea Amaral e D. Rosalina Machado; Drs. Sobral e Lopes, Alves Cerqueira e capitão Belmiro; Alvaro Valente, Melo, António Valente e dr. Descalço; Fidalgo, Frederico Abragão, João Coelho e Amaral Semblano; professores Terra, Lútricio, D. Palmira Freire e D. Ana Abreu.

A chave do caixão foi entregue ao seu amigo íntimo Pedro Lopes Barbosa, e a toalha a Miguel de Castro, de Oliveira d'Azeimes.

Grande número de coroas e palmas foram oferecidas, entre as quais nos lembra de ter visto:

Uma de lírios, lilases e saudades—Último adeus de seus irmãos Julia e Reynaldo; outra de lírios, jacintos e miosótis—Ao seu querido amigo—Pedro Barbosa e esposa; outra de crisântemos, violetas e rosas—Sincera homenagem da família Granja; outra de jacintos, miosótis e rosas—Saudade eterna de Miguel e Elisa; outra de rosas, glicínias e miosótis—Ao amigo querido do professorado de Ovar; outra de jacintos, amores perfeitos e crisântemos—De D. Aurelio Duarte Silva e Irmãos; outra de martilhos, lírios e violetas—Do professorado do círculo ocidental do Porto.

Uma lindíssima palma de flores naturaes de D. Ester Augusta de Sousa; outra de cravos, malmequerens e lírios—De seus amiguinhos Maria Barbara e José d'Almeida; outra de rosas, cravos e lilases—Dos seus amiguinhos Miguel Elísio e José Eduardo; outra de glicínias, miosótis e rosas—Homenagem de Maria Celeste Fragateiro Matos e José Matos; outra de assucenas, cravos e rosas—Preito de sinceridade e gratidão do Colégio Ovarense.

Encorpou-se no entero o professor da sede do círculo José Correia de Amorim, representando o professorado de Oliveira d'Azeimes e o presidente da comissão executiva da Câmara de Oliveira, Dr. Aníbal Beleza.

Presidente da República

Em direcção á capital, de regresso da sua viagem ao Porto, passou nesta vila no correio da noite de 25 do corrente Sua Exceléncia o Ilustre Chefe do Estado, Dr. António José de Almeida.

A gare achava-se repleta de povos predominando os republicanos liberais, que a Sua Exceléncia o Presidente da República e ao sr. presidente do ministro Dr. António Granjo fizeram uma carinhosa e entusiastica manifestação.

Representando a comissão municipal do P. R. Liberal lembrou de termos visto os nossos amigos srs. António V. de Almeida, Dr. João Mar a Lopes, e sr. José Pereira do Amaral; representava a «Defesa» o seu director.

Em nome do P. R. Liberal cumprimentou o sr. Presidente da República, o nosso amigo Manuel Alves Correia.

A partida do comboio repetiu-se as manifestações, sendo constantemente erguidos calorosos e vibrantes vivas ao Ilustre Presidente da República e ao sr. Dr. António Granjo.

Uma banda de música executou incessantemente a Portuguesa

Esbôços

II

Corpo regularmente arquiteturado. Rosto côr de café com leite (o primeiro elemento em dose maior).

Um dente que sobe e desce à laia de elevador e à vontade do freguês. Terna direita tremendo nos momentos críticos.

Hoje «Jean Ratin», em pequeno «Campino», e também já foi «Serrano».

Dos Herminios foi para França, da França para os Martelos, dos Martelos para a Recebedoria, da Recebedoria para a Varina, da Varina...?

Teve em tempos uma paixão fortíssima, mas... saiu-lhe a Páscoa á sexta-feira.

Se o «Século» o não imortalizou em frases campanhais, e a «Ilustração Portuguesa» lhe não expôs o retrato aos olhares libidinosos das burguesias e a admiração entusiasta dos amigos da Servia, nem por isso o seu valor diminui.

Feitos heroicos?

De sob os escombros do cemitério... deixou fugir o canário do capitão.

Esteve em Paris; visitou o Louvre, o Jardim das Tulherias, os Campos Elíssios, atravessou o boulevard de Saint-Germain, penetrou na Cité, foi mais adiante à Notre Dame; e...

Se não percorreu a França (inteira), foi porque lhe não deu na (moleira...).

Cultura musical vastíssima: Entoou trechos do Tanhäuser, e não desconhece também o «Anónima a polícia na rua...».

Recordações da guerra? Canta o

It's long way

e o
Silva a granada Desenfreada...

Bom rapaz, companheiro inseparável e indispensável para o fandolirio.

Em questões amorosas, porém, muita cautela com ele, porque

«as probabilidades do contacto da espinha medula podem fazer com que... ele pinte os próprios amigos.»

Mirone.

P. S.—Pagou uma vez uma ceia a uma Viúva Alegre, mas ela comeu a ceia e ele... ficou triste.

M.

A MARGEM DA VIDA

A propósito de um Livro

«Sofro de paixões histericas por uma pagina d'arte perdida n'uma ruiva ou n'un cunhal de cidade morta. Delitam-me ovelhíssimos beiraes vermelhos povoados de ninhos e os vasos de mangericão mirando sobre o encosto de uma varanda.

Tudo isto porque venero n'estas fioleiras a procissão interminável dos mortos que me geraram.»

Aquilino Ribeiro.

Acabo de ler, embora rúpidamente e fugidiamente, a monografia do sr. P.^r Ribeiro d'Araujo sobre «Perosinho».

Não prete do nem posso fazer a crítica do livro; nem o estudei convenientemente para isso, nem eu, simples amador curioso de estudos etnográficos, tenho competência para tanto.

Movem apenas a necessidade de exteriorizar a simpatia que sempre me merecem trabalhos d'esta natureza; não curro de esca pelisar o rigor dos detalhes nem me preocupa inquirir da vernalidade e elevação da linguagem; de entrada, para me atrair e para me captivar, uma coisa fica: é um livro estructuralmente regionalista, em cujas páginas vive o carácter próprio, bom, simples e humilde do nosso povo, é um livro em que se espelham, flagrantes de cón proprio, de tintas correctas, os aspectos característicos da paisagem local, é um livro em que tomam vulto e relevo os costumes tradicionaes, inconfundíveis de uma parte da nossa vida provincial; tanto me basta.

Hesitou o sr. P.^r Ribeiro d'Araujo em dar forma ás suas notas de investigador; ainda bem que a curiosidade da decifração de uma lâpide da Egreja de Perosinho venceu essa hesitação e assim pôde o sr. P.^r Ribeiro d'Araujo ajuntar a pedra do seu esforço à grande obra da reconstrução do nosso passado, comungando n'aquele pensamento sempre vivo do poeta, «a tendência para a dissolução de certas sociedades é de tal modo sustadora que se lhes torna urgente o culto da sua infância.»

Desenvolve, é certo, o sr. P.^r Ribeiro d'Araujo, de um modo talvez algum tanto demasiado, a parte referente á existencia interna—permítam-se a expressão—da vida eclesiástica de Perosinho, demora-do-se em minudencias bastante secundárias como tabelas de emolumentos, estatutos de confrarias etc., mas—devo frisá-lo bem—nem me movem n'esta opinião sentimentos de irreligiosidade que não tenho, nem isso apouca de forma alguma o seu trabalho, tanto mais que a sua justificação não é difícil se atendermos a que nos estudos da vida intima, individual, de um povo não há pequeras coisas; os mínimos detalhes podem trazer luz sobre alguns factos obscuros.

Deriva a minha observação do receio de que alguns pontos, a meu ver mais importantes, tenham sido prejudicados e citar-i, por exemplo, a descrição e a interpretação do symbolismo arquitectónico dos sens monumentos.

A parte, porém, particularmente grata ao meu espírito, é sem a menor dúvida aquela em que o Autor con-

racteristicos da nossa terra se vão perdendo e para, com o seu exemplo e com o seu estimulo, combater a derrocada tremenda e vergonhosa dos monumentos do nosso passado, legado venerando que nossos Maiores deixaram á nossa guarda e que, sendo a manifestação mais perfeita da nossa vida espiritual, são tambem os padrois imorredouros do patrimônio da Grei.

Ovar, agosto de 1920.

Frel Credo.

A «DEFEZA»

Sai com oito dias de atraso o presente numero do nosso jornal.

A isso fomos constrangidos por motivos vários que se prendem com a homenagem que a «Defeza» julgou do seu dever prestar a um dos ovarenses que mais amigo foi desta sua e nossa terra e que, muito ha dez dias, parece já esquecido por tantos dos que mais obrigação tinham de o lembrar.

Por este atraso, e pela omisão de bastante original que nos vimos forçados a guardar para o próximo n.º, pedimos desculpa ás nossas assinantes, leitores e colaboradores.

Livro de versos

por

Antonio Valente de Almeida

Acabamos de voltar á última folha de um livro, cujo aparecimento passou talvez despercebido a muita gente, mas ao qual não devemos deixar de nos referir, quando outro motivo não houvesse, pela simples razão de que se trata da obra de um filho de Ovar.

Editada pela imprensa «Patria», publicou o nosso amigo sr. Antonio Valente de Almeida uma antologia de poesias suas, umas inéditas, outras conhecidas já, e á nossa redacção lhe S. Ex.^a a gentileza de oferecer um exemplar que reconhecidos agradecemos.

Não é preciso ter-se feito da tristeza um culto, nem ter a devoção doentia das melancolias, aquela devoção que faz de cada um de nós o romero inflatigavel das nossas mágoas, para que com alvorôço recehamos a visita dos poetas; são sempre bem vindos estes sublimes cultores do belo quando na simplicidade de uma quadra, ou na elegância de um soneto elas nos fazem ouvir o bater do seu coração, ou traem até nós a sensibilidade das suas almas artísticas; e então, quando, como Antonio V. de Almeida, elas são filhos da nossa terra, desta terra que nos viu nascer e por onde primeiramente os nossos passos, e cantam aquilo que também amamos e que, por assim dizer, é nosso patrimônio comum, tem a visita um duplo valor e estima.

Fez bem o sr. P.^r Ribeiro d'Araujo em dar-nos os resultados das suas pacientes investigações e com elas prestou um bom serviço á sua terra.

E o eleto português, quando convenientemente preparado, quem melhores condições tem, pela influencia directa que ainda possue sobre as nossas populações rurais—negá-lo seria puerilidade tola—, para evitar que os e stumes tradicionaes ca-

do do espírito, nota-se talvez a ausência daquela concretização natural e simples que o espírito el-gáico da poesia requer, e que é bem a característica dos versos magoados de Antonio Nobre.

Outras há que são pelo rebuscado da forma demasiado pesadas para certos assuntos, fazendo-nos lembrar um brocal enjalhado e hierático na carne moça e fresca de uma jovem.

Mas há outras malizadas de coloridos dores que não pezam pela bizarria, e que se assemelham ao embalar macio que prende a nossa alma e a faz vibrar de comoção, como só o conseguem as coisas simples e enternecidias, e que nos produz uma deliciação de encanto só própria da verdadeira poesia e da boa musica, as mais fieis interpretes da nossa sensibilidade.

Há por todo o livro versos onde se ergue um bino ao valor e à virtude, onde floresce um adejo roseo de inocência e esfusa a baste delicadeza de uma ternura; e na grande maioria revelam as composições um acentuado sabor regional, o amor por esta nossa

terra de procissões e romarias,

uma paixão pronunciada pela praia nossa vizinha

o areal do Faradouro onde florescia o lírio silvestre, a hera marinha (rinha)

Mas é sobretudo o mar, o solitário mar rude e potente

que o encanta, o seduz, talvez porque

Em tempos de estuante—há (quantos anos?) Sonhei ser marinheiro...

como ele próprio diz. E assim é que até no último soneto, aquelle com que o livro fecha, escreveu o autor:

Junto dalguma dunha solitaria que sobranceira olhe sobre o mar

pousem, guardem a urna fúneraria onde, quando morto, hei-de ficar.

Ao sr. Antonio Valente de Almeida, uma vez mais, com as nossas felicitações, o nosso vivo reconhecimento pela oferta

Operação

Na residencia do Dr. Nunes da Silva foi operada no dia 7 do corrente mês a senhora Crisanta Filipe, natural do lugar de Aradas da vizinha cidade de Aveiro.

Operou o Dr. Azevedo Gomes ajudado pelos Drs. Pereira do Amaral, Alvaro Valente e Nunes da Silva.

A doente, que vai em via de cura, retirará dessa vila em breve tempo.

Felicitamos e cumprimos.

Devaneios...

Candida

Busta de hipocrisia. Canibal! Se ainda possues alguns restos d'esse sentimento sublime que se chama a dignidade, cala-te e não voltes mais a escrever-me.

Revulta-me e indigna-me a tua atitude. Para que tei-

mas em profanar o nome da tua mãe? Oh! tu não podes defender-te e invocas a alma d'essa santa criatura, como se ela te pudesse salvar da traição com que acabas de ferir-me.

Sim! afastaram-me há pouco que las casas. Já m'o adivinhava o coração. As tuas desculpas pueris, as tuas subtilezas, a tua indiferença de zelo nos ultimos tempos do nosso namoro, tinham-me levado a essa desconfiança.

Como esquecestes tão depressa as promessas encantadoras que me fazias nas tardes de Setembro, à beira-mar, quando o sol a despedir se, parecia um rubi vermelho, joia de fogo no vermelho do céu!

Como calcaste nos pés tão vilmente os juramentos d'amar que tantíssimas vezes me havias confessado em canções feitas de beijos nas noites idílicas de Janeiro!

Ingrata! Vae trocar uma paixão sincera e ardente por um capricho futile, d'ocasião. Vae desfazer os meus sonhos dourados, derruir os meus castelos de rosa, sem a mais leve hesitação, sem o menor arrependimento...

Roubas a minha tranquilidade, o meu bem-estar, a minha alegria, sem teres para comigo uma explicação cabal, plausivel, uma desculpa justa e conveniente. Maldita! Envergonho-me hoje de te ter amado. Não posso suar sentimentos, não tens alma...

Ah! porque se a tivesses não escarnecerias da afeição pura e encendida que eu sempre te dediquei com uma lealdade cheia de correção e de nobreza.

A dor que agora me punge acerbamente, ha-de passar com o tempo. D'hoje em diante hei-de esquecer-te e despresar-te. Queimarei as tuas cartas, esses pedaços da tua alma de lodo, alma de vibora, alma feita de podridões...

Sahirei d'Ovar e irei para a aldeia, para a paz idílica dos campos, tonificar a minha alma, alegrar o meu espírito, dominar os meus nervos, encher-me em si de seiva e de vida... Quero fugir para longe, para que os meus olhos não vejam a tua traição vil, infame, camalha...

Adeus, adeus para sempre.

Antonio.

Esclarecendo

Sr. Redactor do jornal «A Deleza»

Peço a finesa da publicação destas poucas linhas:

Com o título, A distribuição de «A Patria» queixa-se o sr. Redactor do mesmo jornal de que nós os distribuidores postais, não fizemos escrupulosamente a distribuição do seu jornal, dizendo mesmo que não nos quisemos encomendar a tomar qualquer informação para que o seu jornal fosse ás mãos dos seus destinatários.

Eu, por minha parte, declaro que se alguns exemplares foram devolvidos com a nota de endereço insuficiente foi depois de diligenciar saber rigorosamente a morada dos seus destinatários, o que ninguém me soube esclarecer; e julgo mesmo que o que aconteceu comigo deve ter acontecido com os meus colegas.

Como o ex.^m sr. Redactor do jornal «A Patria» deve saber, o advinhar é nos proibido e, uma vez que a Ex.^m Camara mandou numerar todas as portas dos prédios, não custaria nada áquele jornal auxiliar nos na nossa la-

A DEFEZA

reta indicando a completa direção dos seus assinantes, porque nós os distribuidores postais não somos obrigados nem podemos por muita conta le que temos conhecido por nome todos os assinantes da «Patria».

Não venha pois o sr. Redactor dizer no seu jornal que a culpa é dos distribuidores postais, para assim se desculpar perante os seus assinantes; proceda à «Patria» escrupulosamente, com os endereços completos, e verá como nós saberemos desmentir a nossa obrigação.

Agora, falando conscientemente, diga o sr. Redactor do jornal «A Patria» se esses poucos exemplares que lhe foram devolvidos tinham ou não os números das portas dos seus destinatários.

Agradecendo, subscrevo-me
De V.

Ovar, 16 de agosto de 1920.
Manoel da Silva Campelo
Distribuidor de 2.ª classe.

H. da R.—É rialmente para lastimar que assim se venha para o público acusar uma classe cujos serviços, entre nós, parecem não ser merecedores da menor censura.

De resto, parece do mais elementar bom senso que, a haver rialmente agora por parte de «A Patria» razão de queixa contra a classe dos distribuidores do correio, se deveria dirigir o leigo à estação central a formulares a respectiva reclamação ao sr. Director, em vez de apelar para as colunas do jornal.

Seria esse, a nosso ver, o único procedimento correto, tanto mais que está à frente da nossa estação telegrafo-postal um homem, filho da nossa terra, que a todos nos deve merecer a máxima consideração como funcionário íntegro e zeloso.

Acusar em público os seus subordinados sem primeiramente se dirigir a s. ex.ª é, além de pouca cortezia, desprestigar a autoridade e fomentar a indisciplina.

CARTEIRA
Murdana

Fizeram anos:

No dia 11, o inteligente e simpático académico Alvaro Valente de Araújo.

No dia 13, o nosso particular amigo Augusto Lamy, habil e inteligente jardineiro nessa vila.

No dia 15, o capitão sr. Manuel Rodrigues Leite, e o sr. José dos Santos Coelho, filho do sr. Miguel Ferreira Coelho.

No dia 16, o sr. dr. António Baptista Zagalo dos Santos, a menina Idalina Lopes Guilherme, filha do sr. Manuel Lopes Guilherme, e o sr. Francisco dos Santos Blandino.

No dia 21, o sr. Manuel d'Oliveira Cascaes.

No dia 23, o rev. Padre Manuel Rodrigues Lirio.

No dia 26, a sr.ª D. Rosa Lopes Fidalgo Tavares, esposa do sr. Domingos Pereira Tavares, e o sr. António Augusto Veiga, digno e brioso sargento-enfermeiro do quadro das colonias.

No dia 27, o menino Manuel, filho do sr. João Ferreira Lameiro.

No dia 28, o sr. Manuel Augusto Nunes Branco.

Hoje, 29, a interessante Mariazinha, filha do distinto advogado desta vila sr. dr. José An-

tonio de Almeida.

Amanhã, 30, os srs. dr. Salviano Pereira da Cunha e Francisco d'Oliveira Gomes Ramada.

As nossas felicitações.

Noticiario

Chegou há dias de Lisboa o sr. Dr. Francisco de Araújo e sua Ex.ª Espôsa.

Encontra-se também entre nós o digno Juiz de Direito da Póvoa de Varzim, sr. dr. José Maria de Sousa Azevedo.

Regressou já do Luís o sr. dr. António Batista Zagalo dos Santos e sua Ex.ª Espôsa e o sr. Manuel da Silva Bonifácio Junior.

Partiram para a praia do Furadouro com suas famílias, os srs. José Ramos, José de Pinho Saramago, António Rodrigues Abade, dr. José António de Almeida, dr. Francisco de Araújo, António Augusto Correia Baptista, Alvaro da Costa Raimundo, Dr. Pedro Chaves, Dr. Salviano Cunha, Gustavo Sobreira, Francisco Gomes Ramada e António Valente de Almeida.

Também lá se encontra já o sr. Domingos Araújo Pinto e sua Ex.ª Espôsa.

Está em Matosinhos em gozo de licença o sr. Manuel Coimbra Junior, inteligente e zeloso empregado superior da fábrica de conservas «A Varina», filho do socio da mesma, sr. Manuel Coimbra.

Casamento elegante

No lugar da Cruz, da vizinha freguesia de Cortegaça, e casa do tio da Noiva, teve lugar no passado dia 18 a cerimónia do registo civil do casamento da gentil aluna da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, a Ex.ª Sr.ª D. Virgínia de Azevedo Araújo, natural da vila de Palmela, com o sr. António José Alves Junior, de Lisboa, também aluno daquela Faculdade, e vice-consul de Portugal na cidade da Guarnição do vizinho reino de Espanha, representado pelo tio da Noiva, o sr. Francisco Soares d'Azevedo.

Testemunharam o acto os nossos amigos srs. dr. João Baptista Nunes da Silva e Afonso de Quadros Abragão, e os srs. Abel Alves Abrantes, aluno da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e José Adelino Azeredo Sá Fernandes, aluno da Faculdade

de Direito da Universidade de Coimbra.

A cerimónia, a que, além das pessoas indicadas, assistiram a Mãe e as Irmãs da Noiva, foi extremamente simples, e nessa mesma simplicidade teve, pelo carácter íntimo que revestiu, um certo grau de encanto, para o que concorreram tanto a afabilidade dos donos da casa, como os lotes quer físicos quer espirituais da Noiva e de suas gentis Irmãs.

A cerimónia religiosa realizou-se brevemente.

Aos Noivos deseja a «Defesa» desde já uma ventura extrema.

Exames

No dia 26 Rodrigues de Freitas, da cidadela do Porto, fizeram há dias exame, respetivamente do Curso Geral dos Liceus, 1.ª secção (3.º ano) e do Curso Geral dos Liceus, 2.ª secção (5.º ano), ficando aprovados os académicos Augusto Maria Baptista Abragão e Joaquim Baptista Abragão.

A eles e a seu pai, o nosso amigo sr. Frederico Abragão, os nossos parabens.

Desafio de foot-ball

Se não houver... motivo imprevisto que altere o programa, deve realizar-se hoje pelas 3 horas da tarde, na vizinha praia do Furadouro, no «Campo do Pereira Dias», como vulgarmente é conhecido o campo de... sport daquele linda praia, um desafio de foot-ball entre um grupo de sócios da extinta «União Sportiva Ovarense», e um team mixto de jogadores de diversas categorias do «Boavista Foot-Ball Club» do Porto que aos nossos players!! encareceram o pedido.

Completamente desentranhos por uns ferias sportivas de mais de um ano, os nossos rapazes, desacompanhados de mais a mais de alguns dos melhores elementos daquela extinto club, que se encontram ausentes, tem a consciência perfeita, desta vez, da sua forma miserável; porém, desejosos de proporcionarem aos banhistas do Paradauro, a quem o desafio é dedicado, uma tarde um pouco diversa do vulgar, e na esperança de uma vez mais verem se despertam o adormecido — nós diremos morto, ou melhor, por nascer — amor sportivo à juventude da sua terra, aceitaram a proposta dos jogadores portugueses, e, como vareiros, para o campo vão, sempre... refilões, vã lá o termo já que de rapazes se trata.

Bonne chance, pois.

Falecimento

Na avançada idade de 70 anos faleceu em S. Martinho da Gândara a mãe do nosso amigo e correligionário sr. Manuel Barbosa de Oliveira, de S. Vicente de Pereira.

Sentindo sinceramente a morte da simpática e bondosa velhinha, enviamos a toda a família enlutada, e em especial àquele nosso amigo e expressão do nosso mais vivo pesar.

Incêndio pavoroso

Na madrugada de domingo passado houve um pavoroso incêndio na vila da Feira, num predio habitado pelo nosso conterraneo sr. José da Silva Carrelhas, digno escrivão de direito naquela comarca, que ardeu por completo bem como todo o mobiliário.

Tendo vindo d'ali à nossa vila alguns cavalheiros pedir socorros, imediatamente para ali partiu a corporação dos nossos Bombeiros Voluntários com parte do seu material d'incêndios atrelado a um camion. Uma vez ali, os nossos bombeiros prestaram relevantes serviços na localização do incêndio, evitando que este se propagasse aos predios contíguos, pelo que foram altamente elogiados pelo povo feirense.

Os prejuízos são avultados.

AMADEU, CORRÊA & COMPANHIA LIMITADA

cam os sócios obrigados a, no prazo mínimo de 30 dias e máximo de 90, entrar no cofre da sociedade com os respectivos suprimentos.

6.º

As quotas do socio Amadeu Peixoto Pinto Leite e da sociedade Peixoto, Sucessores, Limitada, são iguais, de 4:000\$00 cada uma e em dinheiro, e a quota do socio Manoel Lucio Cordeiro é de 2:000\$00 também em dinheiro.

7.º

O uso da firma e a gerencia ficam a cargo do socio Amadeu Peixoto Pinto Leite e do organizante Joaquim Correia Dias, os quais em todos os documentos que constituam obrigações para a sociedade terão de assinar a firma, apesar os seus nomes individuais; a estes gerentes pertence também o direito de representar a sociedade em juiz ou fira deles, e ainda o de, debaixo da sua direção, se fazer a escrita e a caixa; porém, o expediente poderá ser assinado por um só.

8.º

Os gerentes são dispensados de prestar caução; não são tributados, mas no fim do ano a sociedade, em assembleia geral, arbitrára a gratificação que se lhe fará de dar conforme o trabalho que tiverem.

9.º

Nenhum socio terá direito a abrir perante a sociedade uma conta devedor mensal superior a 1% da sua quota.

10.º

Apuradas todas as despesas, retirados 5% para o fundo de reserva legal e enquanto este não estiver realizado ou seja preciso reintegrá-lo, e verificando-se a existência de lucros, serão estes divididos na proporção das quotas, e verificando-se prejuízos, serão suportados nas mesmas proporções.

11.º

No todo ou em parte, a cessão das quotas não é permitida sem o conhecimento expresso da sociedade, em assembleia geral, que pode reservar-se sempre os direitos de opção. Só no caso terminante de nem a sociedade, nem nenhum dos sócios pretender adquirir essa quota pelo valor do último balanço devidamente aprovado, ela seráposta à venda a estranhos.

12.º

O objecto da sociedade é o comércio do sal e de qualquer outro artigo em que acordem os sócios.

13.º

A sociedade tem princípio n'esta data e duração indeterminada: os seus balanços não sempre respeito ao exercício do ano civil e serão fechados em 31 de Dezembro de cada ano.

14.º

A assembleia geral ordinária para apreciação do balanço e contas, efetuar-se-há, sempre, no terceiro domingo de janeiro imediatamente ao fecho da escrita. Não se podendo realizar nesse dia será no outro domingo. Esta reunião é independente de qualquer aviso.

15.º

As quotas a receber para o efeito da aplicação deste artigo — quota social e quota fundo de reserva, simplesmente vencerão sempre, a benefício, o juro de 25% ao ano, contado desde 1 de janeiro desse ano, até à data do falecimento ou interdição.

16.º

A dissolução da sociedade far-se-há por acordo e nos termos do art. 42 da lei de 11 de abril de 1901, por aquele dos sócios que mais garantias e vantagens oferecer.

17.º

Em todo o omissis regularão a lei que rege esta espécie de sociedades e as mais aplicáveis.

Ovar, 20 de julho de 1920.

O notário-ajudante

Francisco d'Oliveira Belo.